

Aula 2

A CONCEPÇÃO DA GEOGRAFIA POLÍTICA DE RATZEL

META

CDominar as categorias centrais de Ratzel em relação à questão do componente político sobre o território e da importância do Estado no processo de organização territorial e da força para dominar e gerir territórios.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Entender os fundamentos e a importância do pensamento de Friedrich Ratzel na formação da Geografia Política dentro da concepção clássica.
Inserir um dos principais fundadores da Geografia como ciência, além de sua importância como estudioso da Geografia Política e seu enquadramento na vertente da Geografia Política Clássica.

PRÉ-REQUISITOS

A aula no 01 será de seminal importância para dar continuidade ao estudo da Geografia Política na medida em que lhe dá suporte conceitual do alcance e aplicação dos estudos políticos com rebatimentos sobre o território.com a evolução do capitalismo.

José Eloízio da Costa

INTRODUÇÃO

O aluno deve ficar tranqüilo em relação a esse novo tema que desenvolveremos na presente aula. É evidente que o autor que vamos trabalhar na aula - Friedrich Ratzel – já é conhecido por vocês, em destaque no processo de formação da Geografia enquanto disciplina científica.

Em termos gerais, sabemos que esse alemão foi o principal representante da linha determinista do pensamento geográfico. Nessa aula, não vamos seguir essa trilha analítica, mas sim enquadrar o grande geógrafo germânico como pesquisador e estudioso do território enquanto palco de operação do Estado, articulando elementos centrais de análise, como a questão da influencia do Estado Germânico no processo de constituição de seu pensamento científico-político, do papel da teoria organicista tão em moda na segunda metade do século XIX, do alcance do chamado Estado Territorial, da problemática da questão nacional e das particularidades do povo alemão no processo de formação de seu estado e da força do solo na determinação identitária da nação.

Ainda mais interessante e nisso extraímos do compendio do grande estudioso da geografia política no Brasil – Wanderley Messias da Costa – onde apresenta de forma sistemática os fundamentos políticos do geógrafo alemão, considerado como pai da ciência geográfica.

Uma primeira questão relaciona-se em delimitarmos a temática para não confundirmos com outras contribuições de Ratzel. Todos conhecem a importância da obra *Antropogeografia na História do Pensamento Geográfico*, na qual articula as forças naturais como elementos determinantes no processo de organização espacial e territorial. Como dissemos acima, esse não seria o tema de nosso interesse.

Para entender sua concepção enquanto uma Geografia do Estado (Wanderley, 2010), destacamos sua obra intitulada *Geografia Política*, escrita em 1897 e que serviu como base de seu pensamento sobre a questão política dentro da perspectiva territorial.

É pertinente observar que o Estado enquanto categoria de análise pode tomar diversas concepções nos dias atuais, devido a riqueza analítica dos diversos campos de conhecimento, particularmente nas ciências sociais aplicadas. Porém, seus estudos no século XIX ainda não tinham tanta importância assim; Ou seja, não havia uma teoria sistemática e consistente Teoria do Estado. Isso foi coisa para o século XX, em função de duas sangrentas guerras mundiais e da crise do capitalismo liberal.

O que insere da importância de Ratzel em seus estudos sobre o Estado em um contexto político conturbado e marcado pela literatura como fase da paz armada, que corresponde contraditoriamente ao longo período da Belle Époque.

Assim, o aluno deve perceber que a formação da Geografia enquanto disciplina acadêmica coincide justamente com os estudos também da Geografia Política e porque a Alemanha da segunda metade do século XIX serviu como palco desse processo?

Simplesmente afirmar que os alemães Humboldt, Ritter e Ratzel foram determinantes na formação do pensamento clássico da Geografia, sem contextualizar outros elementos, como o momento acadêmico e político do Estado Alemão dessa época, é esquecer que a Alemanha desenvolveu particularidades que não ocorreram em outros países europeus.

Uma delas é a herança filosófica, berço dos maiores pensadores europeus, e que tiveram repercussão em todo mundo, inclusive até os dias atuais. Essa solidez contribuiria na organização de Universidades e diversificação de suas atividades científicas, como foi o desenvolvimento das ciências naturais. Ao lado desse processo, as ciências sociais também organizam seus sistemas, a exemplo da Sociologia e a Economia.

O CONTEXTO POLÍTICO DA ALEMANHA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Todos sabem que a Europa foi o berço da civilização ocidental, com suas revoluções política, econômicas, sociais e culturais. Sua influência disseminou em todo o mundo, como as repercussões das revoluções Gloriosa, Francesa, Industrial Inglesa e do Iluminismo, marcada por mudanças nas relações sociais e da primazia da ciência sobre a concepção religiosa, na qual sepultaria os valores engessados do período Medieval.

Todo esse processo modificaria a geografia política européia, formando os Estados-Nacionais e a implantação de valores no processo de controle social exercido pelo Estado. A Revolução Francesa seria o marco radical de estabelecimento do Estado enquanto entidade legitimada pelo exercício do poder e das garantias, por enquanto, dos direitos individuais.

Essas transformações estruturais pouco influenciariam o Estado Alemão, marcado pela fragmentação de seus territórios, com frágil coesão política, mesmo existindo coesão social e cultural. Existia a língua como elemento unificador do povo alemão, mas não havia referência enquanto Estado. Por outro lado, os “estados alemães” eram economicamente dinâmicos e de grande ebulição política.

É nesse contexto que o “Marechal de Ferro”, Otto Von Bismarck unificaria o Estado Alemão em 1870 (veja Mapa), abrindo caminho para o fortalecimento de sua nova organização política, baseado na força e na centralização do poder. Era um Estado essencialmente autoritário e militarista. Mas essa unificação tardia comprometeria o caráter imperialista, onde a questão da conquista dos territórios não integraria como estratégia da nova Alemanha. O interesse sempre foi com os alemães que residiam em outros Estados.



Unificação Alemã – apud Campomori (2000).

Ainda assim, durante a fase em que esteve no poder Bismarck vários territórios foram anexados, evidenciado por guerras conflitos bélicos vitoriosos contra a Dinamarca e a Austria-Hungria, além da conhecida vitória sobre a França.

Por outro lado, é fácil o aluno perceber que fatos desse período como a conquista da África, não tiveram a presença dos alemães. Nesse período a conquista de territórios não teve a marca alemã. Eles foram secundários. A unificação tardia contribuiria para isso.

Ainda assim o que foi observado processou-se no fortalecimento do Estado Alemão, como forma de identificação de seu povo e para isso os alemães dos outros países deveriam ser conquistados.

Acreditamos que esse contexto, influenciaria o pensamento de Ratzel, e que refletiu em sua obra Geografia Política; COSTA (2010: 31) vai mais além: é necessário não apenas tomar o conjunto das condições políticas existentes, mas também do ambiente intelectual em que o mesmo desenvolveu seus trabalhos.

O CONTEXTO INTELECTUAL DE RATZEL

Como esse geógrafo é bem conhecido pelos estudantes de Geografia, parece até redundante afirmarmos a mesma ladainha que observamos na disciplina História do Pensamento Geográfico. Mas certamente o aluno deve saber que a formação de Ratzel não foi de geógrafo. Primeiro ele estudou Zoologia na conceituada universidade alemã de Heildeberg, o que torna fácil perceber a influencia das ciências naturais em seu pensamento.

Toda essa bagagem naturalmente influenciaria na formação da corrente que conhecemos como determinista, onde os aspectos naturais no comportamento humano. Ou seja, é a simbiose determinista entre sociedade e natureza. A concepção organicista seria fundamental em analisar o Estado como um processo natural, como um organismo processado naturalmente. A influência darwinista foi determinante

Claro que isso tem a ver com a vertente científica dominante da época, com forte influência da filosofia da ciência de Fichte e Herder (COSTA, 2010: 33), e das teorias sociológicas e antropológicas.

É evidente que esse caráter tardio e o atraso político alemão, ao lado da concepção organicista do Estado, formariam um quadro conservador e reacionário das principais lideranças políticas alemães. Não que existisse “complexo de inferioridade”, mas ressentimento entre os alemães porque eles chegaram tal tarde ao rol das grandes potências européias.

Por outro lado, não podemos esquecer que nas universidades alemães o ambiente intelectual era propício ao desenvolvimento do pensamento conservador e a necessidade de um Estado forte e armado seria de extrema importância para dar estabilidade a essa forma de pensamento.

O aluno também deve perceber que todos esses antecedentes ajudariam nos fatos que tanto conhecemos, como a primeira e a segunda guerras mundiais, onde a presença do poderio alemão deu os ramos destrutivos que tanto mudaria o panorama político e econômico do século XX;

E aí agregaríamos como a Geografia Política alemã foi importante nesse processo e podemos sistematizar alguns elementos para o aluno entender de forma mais didática possível essa questão. Sem esquecer também a genialidade desse povo que infelizmente incorporou valores abomináveis como a “superioridade da raça ariana” e do caráter bélico assumido durante o período nazista.

A NATUREZA DO ESTADO, SEGUNDO RATZEL

A partir das análises que focamos anteriormente é necessário agora aprofundar a real dimensão que Ratzel daria para entender a relação entre Sociedade e Estado em um ambiente tão autoritário em que vivia.

Uma primeira questão relaciona-se com a primazia do território, o Estado deve ser essencialmente territorial. Sem território não haveria vida política. E para completar, a concepção orgânica completaria esse fundamento. Na dicção de COSTA, podemos extrair a assertiva abaixo:

“A idéia do organismo foi emprestada por Ratzel da biogeografia, para a qual condiciona as formas elementares e complexas de vida. Nesse sentido, o Estado como forma de vida, tenderia a comportar-se (por analogia) segundo as leis que regem os seres vivos, isto é, nascer, avançar, recuar, estabelecer relações, declinar, etc.” (2010: 35).

Voltando a questão territorial, é claro que a tranquilidade do Estado tem como lastro um largo território, formado por uma diversidade de ambientes e estruturado para repelir invasões e ao mesmo tempo possibilidades de agregar territórios. O que podemos deduzir que um bom litoral, a existência de montanhas, redes fluviais e diversidades climáticas, seriam formas de organização territorial sob a batuta de um Estado Forte.

Mas para o Estado Alemão teríamos algo mais: o território seria o lócus real de um povo, diferente dos outros e imbuídos de forte espírito de união.

O mais interessante relaciona-se com a ultravalorização de Ratzel do território, sendo este apropriado pelo Estado e elemento realizador dos sonhos de um povo que reproduz uma cultura própria e mesma visão de futuro.

Nesse período, a Alemanha não era um grande país, mesmo que tenha protagonizado conflitos como a guerra franco-prussiana e sempre os alemães tiveram os franceses na sua garganta, como os maiores inimigos, principalmente inimigos territoriais. Mas a teoria ratzeliana apontaria o futuro do Estado Alemão, formado por um povo genial, inteligente e talentoso, mas serviu aos ditames insanos do maior ditador de todos os tempos na primeira metade do século XX.

Quanto a questão nacional, devemos fazer também algumas colocações.

Primeiro pela importância teórica de Ratzel em realizar essa análise, devido ao momento histórico em que vivia e mais do que tudo a relação entre o Estado, o Território e a Nação Alemã estão fortemente articulados. Havia uma necessidade primordial de associar a identidade do povo alemão com um território politicamente constituído.

Um segundo aspecto relaciona-se com a evidente importância da constituição real do Estado Territorial como espaço de realização de uma cultura consolidada em regiões como a Bacia Renana e a montanhosa Bavária. Havia uma “identidade territorial e cultural” dessas regiões com um povo determinado a viver e desenvolver seus hábitos, costumes, em plena soberania política e do exercício autoritário do poder político.

Em interessante monografia, Campomori (2007: 27), depois de abordar as internalizações do Estado como organismo político e a contribuição de Ratzel na sistematização da Geografia Política, o mesmo afirma em relação à questão do poder, citando outros autores:

“Ratzel, através da teoria do Lebensraum, reconheceu que o Estado é dotado de uma ambição territorial, de um instinto expansionista que o impulsiona no sentido da satisfação de um apetite pelo espaço vital. O crescimento dos Estados baseia-se, como já dito, na concepção de que o Estado é um organismo vivo e que o “espaço é o poder” (ALMEIDA, 1990, p. 108 apud PALMA, [200-], p. 2).”

Seguindo na esteira desse autor, tomando como parâmetro Raffestin em seus dois elementos, informação e força, o mesmo aborda em relação às características do poder político:

“Partindo da conceituação de poder para Raffestin (1993) para o qual os dois elementos essenciais são a informação e a força (energia), pode-se encontrar, de modo não explícito ou diretamente expresso nos escritos, ou seja, subentendido na teoria ratzeliana um tipo de concepção de poder com as seguintes características:

- o poder emana do Estado à partir de sua posição geográfica e do seu território;
- o poder é variável de acordo com o transcurso histórico vivenciado pelo Estado;
- o poder do Estado tem como elementos primordiais, além da posição geográfica, os recursos do território (tanto os recursos naturais, quanto os socioeconômicos, inclusive a própria população).”

Para não tornar tão árido o tema, o aluno apenas deve saber que o território é a afirmação do Estado e onde seu povo realiza seus sonhos e realizações. Mas o Estado e seu povo devem constituir também um projeto geopolítico, não necessariamente em função de agregar territórios, mas até mesmo de exercer ações de natureza não-territoriais como as políticas econômicas (COSTA, 2010: 38).

A QUESTÃO DA MOBILIDADE/CIRCULAÇÃO

Outro tema controvertido na vertente analítica de Ratzel relaciona-se com o processo de mobilidade das populações e da importância da circulação. Para ele, elementos de natureza histórica favorecem a formação, na qual consolida o Estado. Talvez a realidade prussiana em que viveu, formado por Estados fragmentados, integrados por um mesmo povo tenha contribuído em analisar esse processo.

Logo, não é o tamanho do território que define o poder político (ou seja, a extensão), mas a necessidade de fortalecer a circulação de povos que constituem às mesmas características, na qual não precisaria ampliar seus espaços. Como bem coloca COSTA (2010):

“Disso resulta a sua dedução de que, mais importante que a extensão, é a articulação e a coesão do espaço político, ou organismo estatal-territorial. Reconhece, porém, que esse é um dos maiores desafios dos Estados modernos, mesmo aqueles mais desenvolvidos, como é o caso da França, que malgrado o fato de constituir o mais centralizado dos que conhece, apresenta regiões organizadas em seus ‘departamentos’ que se destacam muito, por suas particularidades, de todo território nacional” (pp. 40,41).

Nesse aspecto, observa-se ainda o caráter não expansionista da concepção de Ratzel, onde a preocupação central seria a consolidação interna do Estado. apenas ressaltamos que esses fundamentos serviriam para uma análise mais apurada no futuro, que veremos em aula próxima: a teoria do espaço vital.

CONCLUSÃO

Nessa aula estudamos o pensamento de Friedrich Ratzel no que se refere a questão da formação e da importância da Geografia Política. O que amplia ainda mais o leque dos conteúdos desenvolvidos pela Geografia Clássica, que não seria apenas como uma simples fase da história do pensamento geográfico na formação da Geografia como ciência, mas também dos primeiros passos dos estudos da Geografia enquanto ferramenta em analisar o exercício do Poder do Estado sobre o Território.

O mais interessante e de forma negativa, é que, mais uma vez, o conhecimento de geógrafos é apropriado por outras áreas do conhecimento, tornando a Geografia como mera subsidiária das áreas afins. Nos parece que Ratzel foi um dos primeiros a pagar, pois seus conhecimentos serviriam para que outros profissionais pudessem desenvolver suas teorias, tornando o território e o espaço como instrumentos secundários em suas abordagens.

Esperamos que o aluno tenha conhecimento dessa realidade e entendemos que a Geografia Política tem suas teorias, mas pecamos pela tolerância em nos tornarmos sempre “interdisciplinares”, e isso de caráter marginal.



RESUMO

Friedrich Ratzel foi um dos fundadores da Geografia enquanto disciplina científica, integrando como pensador da fase da Geografia Clássica. Mas este alemão formado inicialmente em Zoologia, depois foi fazer Geografia, já disciplina existente em algumas universidades alemães (quer dizer, prussianas). É nesse contexto de unificação alemã mal-concluída e de formação tardia do Estado, em relação às potências europeias da época, como França e Alemanha, que Ratzel publica o livro Geografia Política apresentando seus fundamentos sobre o Estado, com base darwinista. Nesse diapasão, o Estado seria visto como organismo político dotado de grande força, articulado com o exercício pleno do poder e da busca da coesão social, identificada pela homogeneidade de seu povo. A questão do povo alemão formado em estados fragmentados influenciou fortemente essa concepção. Por outro lado, a preocupação do autor foi à determinação do território

como a marca central do Estado, daí a questão do processo da formação do Estado Territorial como lastro de unificação e consolidação da coesão do povo alemão. Não havia em seus fundamentos o caráter expansionista, até porque a Alemanha chegaria muito tarde ao processo de ocupação africana. Daí a valorização da discussão da questão nacional e que tanto repercutiu muitos anos depois com a ascensão do nazismo. Finalmente, agrega-se a importância da mobilidade territorial e da circulação, e que deve estar restrita a um território, onde a questão da extensão é secundário em relação a força do povo que precisa de espaço para realizar seus projetos, de natureza geopolítica ou não (como as políticas econômicas).



- Realize as atividades abaixo e encaminhe no sistema on-line CESAD:
1. Faça uma pesquisa pela internet para saber o que significa LEBENSRAUM e DARWINISMO.
 2. Na sua visão, a concepção de Ratzel sobre a Geografia Política, sua obra pode ser considerada como científica ou pragmática, ou as duas coisas?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O aluno deve entender que a Geografia Política não tem projeção dentro da comunidade científica no que se refere aos estudos sobre o Estado, Relações Internacionais ou da Ciência Política propriamente dita. Entretanto, a Geografia Política tem seus princípios, bases teóricas e principalmente possibilidades de estudos de caso, isso graças a contribuição dos autores da fase da Geografia Política Clássica com a seminal contribuição de Friedrich Ratzel.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula vamos dar continuidade ao tema abordado nessa aula. Trata-se das teorias da Geopolítica Clássica.



AUTOAVALIAÇÃO

Bem verdade que o tema que desenvolvemos na presente aula poderia aprofundar ainda mais face à necessidade de oferecer melhor fundamentação aos estudantes de graduação em Geografia em uma disciplina pouco explorada. Porém, o mais importante foi problematizar esse conteúdo com a inserção do geógrafo/zoólogo Ratzel como pensador do território enquanto arena de atuação do Estado. Daí a pergunta: Ratzel foi mais importante para a Geografia como um todo, ou para a Geografia Política propriamente dita?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Reinaldo Ivo de; RUSSI, Raphaela Maia. O Expansionismo Alemão. In:
CARVALHO, Leonardo Arquimimo de (Org.). Geopolítica e Relações Internacionais. 1. ed. Curitiba: Juriá, 2006. Cap. 2, p. 37-47.
- CAMPOMORI, Quitiliano. A Geografia Política Clássica de Ratzel e o Realismo Clássico de Morgenthau. Belo Horizonte. Universidade de Belo Horizonte. Monografia de Graduação em Relações Internacionais. 2007.
- COSTA, Wanderley Messias da Costa. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: EDUSP. 2010.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993. 269p.